



CONTROVÉRSIAS ENTRE AMBIENTALISTAS E TEÓLOGOS SOBRE O ANTROPOCENTRISMO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: Certos grupos de ambientalistas consideram que o Cristianismo não tem mais nada a acrescentar sobre a questão ambiental devido a sua visão antropocêntrica. Alguns teólogos absorveram esta idéia e tentam repropor uma nova consideração do Cristianismo a partir da superação da visão antropocêntrica. Colocamos em questão se a forma mais adequada de aproximação com a natureza seja a rejeição da visão do antropocentrismo ou de uma certa forma de compreensão do mesmo. A base da reflexão faz referência às indicações de Lynn White Junior, que responsabiliza a degradação ambiental à visão antropocêntrica do Cristianismo na Idade Média e à Revolução Industrial.

Palavras-chave: antropocentrismo; ambientalistas; teólogos; Cristianismo; panteísmo.

Abstract: Some groups of ecologists believe that the Christianity doesn't have anything to speak about environmental because have one conception anthropocentric. In this way, some theologues recommend a new consideration of Christianity to overcome the anthropocentrism. We put the question if the approach with the nature must be the refusal of anthropocentrism or of one specific form of understanding of the same. The base of our study does reference to the indications of Lynn White Junior that consider responsible of degradation environmental to the Christianity's conception anthropocentric of Mead Age and to the Revolution Industrial.

Keywords: anthropocentrism, ecologist; theology; Christianity; pantheism.

Introdução

Diversos são os problemas ambientais atuais. Dentre tantos, gostaríamos de citar um para pensar a centralidade ou não da pessoa humana. É o caso no Congo, África, onde uma família inteira de gorilas foi assassinada. As pessoas envolvidas no crime estão relacionadas com a destruição da floresta em volta, porque precisam de carvão. Como a floresta é protegida por causa dos gorilas, resolveram matá-los. O drama humano é grande, falta emprego e a situação de sobrevivência está relacionada com o carvão. Não se poderá resolver o problema dos gorilas

sem resolver o problema das pessoas em volta. O que é mais dramático: a situação das pessoas ou dos gorilas? Ou os dois? O registro da morte dos gorilas é um termômetro de um drama humano que vem se desenhando por trás.

Encontramos a mesma situação em relação aos desmatamentos. Pessoas sobrevivem com o desmatamento. Como fazer para sobreviver? Mantêm-se as árvores ou a vida das pessoas?

Os exemplos citados demonstram como a sobrevivência humana está sempre relacionada com a natureza. A situação se agrava, porque quanto maior a população, maior a degradação da natureza para manter a espécie humana.

Uns preferem ver apenas o problema do desenvolvimento do capitalismo sobre o impacto da indústria sobre o meio-ambiente. Mas existe a questão também da sobrevivência. Como fica o homem na sua relação com a natureza? Sendo o homem, também natureza, como fica sua relação com o resto do ambiente natural? O problema grave é a visão que temos do homem no mundo e como justificamos nossas intervenções no ambiente vital.

A solução tradicional estaria baseada numa perspectiva antropocêntrica que, resolvendo a questão dos seres humanos, a das outras espécies deixaria de lado. A resposta passa por uma correta visão que devemos ter da nossa relação com o ambiente em nossa volta. Exatamente diante de problemas como esse, a Teologia foi acusada de não ter mais como contribuir para as soluções, porque está marcada por uma visão tradicional do antropocentrismo.

O presente trabalho se propõe marcar as coordenadas da crítica dos ambientalistas em relação à Teologia e registrar como essas críticas encontraram espaço em diversos setores do conhecimento, inclusive a Teologia. Concomitantemente registramos posições diversas diante da crítica feita ao Cristianismo e à Teologia.

O problema

Em 1966, Lynn White Jr., através do seu artigo *The historical roots of our ecological crisis*,¹ marcou que as coordenadas da atual degradação

¹ Cfr. LYNN, WHITE T. JR. The historical roots of our ecological crisis. **Science**, v. 155, n. 3767, pp. 1203-1207, março 1967

ambiental eram apoiadas pela concepção de natureza da Teologia da Idade Média e pela revolução industrial.

Queremos nos deter em particular à crítica direta sobre a Teologia. A concepção da natureza diz respeito ao antropocentrismo que marca a Teologia, particularmente o texto da criação na tradição P, Gn 1,1-2,4^a, que possui a famosa orientação de *dominar* e *submeter*² a natureza.

Sua opinião, já que não é no Cristianismo que vamos encontrar uma nova maneira de nos relacionar com a natureza, situa o problema em uma matriz religiosa e é preciso encontrar a solução numa matriz religioso-herética. Entende que São Francisco, numa posição de choque com o pensamento medieval, colocou a natureza não numa perspectiva antropocêntrica, mas os elementos da natureza como irmãos e irmãs. Ao mesmo tempo indica que a proposta de Francisco fracassou, porque o que prevaleceu não foi sua proposta, mas a proposta arrogante da ortodoxia cristã sobre a natureza. Mesmo assim, indica São Francisco como padroeiro dos ecologistas, foi considerado patrono da Ecologia e dos Movimentos Ecologistas, em 29 de novembro de 1979, por João Paulo II.³

O trabalho de Lynn White Júnior, apesar de ser um texto de poucas páginas, tem uma densidade de conhecimentos de história, de ciências, de Filosofia, de Teologia, de ecologia, que coloca o desafio da ecologia como um conhecimento complexo transdisciplinar.

Assim como as críticas marxistas causaram tanto impacto sobre a maneira de se fazer Teologia, esta crítica de Jr. também promoveu efeitos de diversos níveis, a ponto de uns ambientalistas e teólogos absorverem tal posição como acertada e outros a rejeitarem.

Posição de ambientalistas

A indicação de Lynn White sobre procurar soluções heréticas para o problema não era de toda nova. E. Haeckel⁴ já havia dado essa

² Ver nosso artigo neste mesmo número sobre o estudo da palavra “domínio” no texto do Gn.

³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Incter Sanctos*. AAS, v. 71, pp. 1509-1510, 1979.

⁴ Ernest Haeckel foi quem teve diversos *insights* sobre a questão ambiental, dentro os quais cunhar o neologismo ecologia, em 1866. Na sua visão, a ecologia é o estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos), constituindo um ramo da biologia. Estava influenciado pelas idéias de Darwin, pela segunda lei da termodinâmica, pela entropia, que as reservas da natureza não seriam para sempre. Hoje a ecologia não é mero ramo da biologia, mas uma área de conhecimento transdisciplinar. O problema ecológico seria estabelecido quando as

indicação de aproximação com religiões panteístas, particularmente as da tradição orientada, I como possibilidade de uma nova maneira de relacionamento com a natureza.⁵

Outro aspecto do movimento ecológico relacionado com a questão religiosa é indicado também por Lynn White. O movimento surgiu em lugares de hegemonia protestante, como a Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos, talvez até para contrabalançar a ação agressiva de seus antepassados⁶ sobre a natureza.

O movimento ecologista inicia então com suas preocupações com a ciência e com as aplicações econômicas da mesma. Com o prêmio Nobel de Física de 1921, Frederick Soddy indicou que a energia é importantíssima para todo processo de produção, e que toda energia vem da luz do Sol. As projeções alarmistas de Paul Ehrlich a respeito do impacto do crescimento populacional sobre o planeta não se averiguaram na década de 1960 e 1970, porém colocaram as questões do impacto demográfico sobre a ecologia.

O movimento tem tendências tanto de direita como de esquerda, mas em geral tende para uma visão de esquerda, onde a agenda não está reduzida apenas às questões ambientais. A reflexão marxiana, de que o avanço do capitalismo implica na destruição da natureza, tem suas influências sobre o movimento que se alia também às políticas progressivas. Pode ser rejeitado tanto pela direita como pela esquerda. Pela direita, quando o movimento é contrário às instituições sociais. Pela esquerda, quando consideradas as propostas ecológicas como propostas falidas.

Outros preferem ver diante do desafio ecológico que a polêmica não é mais nem de direita nem de esquerda, porque o problema ambiental superaria este tipo de paradigma.

A Ecologia diz respeito também à interconexão da natureza com as gerações anteriores, impregnadas no inconsciente coletivo. Marcada também por uma convicção de que a sociedade patriarcal suplantou a

diversas mudanças do sistema interferem na sobrevivência de espécies. Terence KENNEDY. "Veni, Creator Spiritus": the conservation of the created cosmos. **Studia Moralia**, Roma, v. XXXVI, n.2, pp. 421-439, aqui 422, march 1998.

⁵ Cfr. ANNA BRAMWELL. *Ecology in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1989; WOLFGANG R. KRABBE. *Gesellschaftsveränderung durch Lebensreform*. Göttingen: Verden Hoeck Ruprecht, 1974; TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 422.

⁶ *Ibidem*, 427.

visão feminina de inserção na natureza, indica que é preciso resgatar o elemento feminino no trato com a natureza, elemento que estaria em torno do agir como “cuidado”.

Mas os tempos nos quais os grupos ecológicos se sentiam à vontade para criticar a religião, a ciência e a filosofia passaram. Hoje já existem críticas que retornam para os ambientalistas, dentre as quais as de Brawell, que não hesita em considerar a ecologia como ideologia. Segundo o mesmo, isto ocorre quando o movimento toma como a filosofia de Heidegger,⁷ que considera que os latinos não compreenderam a visão dos gregos sobre a natureza. Ideologia expressa em outros temas como: *a concepção cristã justifica a exploração da natureza*; a ciência baseada na tecnologia implica na destruição do ambiente; a suplantação da visão feminina sobre a natureza pela visão patriarcal. Recorrendo a Heidegger, Bramwell considera que Deus não é o Pastor, mas é a humanidade que deve se transformar no pastor do planeta e aceitar sua condição como parte do mundo, evitando posturas fechadas na tecnologia, no domínio e na exploração.⁸ Por isso, Heidegger é considerado o “metafísico da ecologia”.⁹

A Ecologia também se transformou em uma fonte de crítica social e de crítica do pensamento filosófico, porém os problemas ecológicos não podem ser resolvidos com teorias abstratas, mas que precisam ter impactos na nossa relação com o ambiente.¹⁰

Na contramão do antropocentrismo

No trabalho de Garay e Becker (ambientalistas) a noção de Lynn White é retomada de forma explícita. Partem do raciocínio de que o meio ambiente é fortemente marcado pela cultura, que depende das crenças, idéias, experiências, tradições culturais e contextos socioeconômicos. São de opinião que a identificação da natureza como uma entidade constituída de recursos oferecidos por Deus para ser explorados pelo

⁷ Heidegger pensa o Espírito como a origem de todo movimento, como uma chama ou fogo, traz não somente a força criativa e genuinamente humana, mas também desilusão e destruição. Neste sentido, tudo que podemos pensar no movimento ecológico estaria relacionado com o Espírito. Sobre o assunto: Jacques DERRIDA. *Of Spirit. Heidegger and the question*. Chicago - London: University of Chicago Press, 1989, cit. em: TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 433.

⁸ Cf. ANNA BRAMWELL. *Ecology in the Twentieth Century*. New Have: Yale University Press, 1989, cit. em: TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 427.

⁹ Cf. *Ibidem.*, 427.

¹⁰ Cf. *Ibidem.*, 430.

homem encontra-se enraizada no pensamento Ocidental, provinda do texto bíblico.¹¹

Numa linha mais radical contra a tradição antropocêntrica tradicional, temos Klaus Michael Meyer-Abich que coloca a natureza (*physis*) no centro, na qual o homem é posto ao lado de todos os outros seres do mundo.¹² Esta apreciação pode ser chamada de “fisiocentrismo” ou também “holismo”.¹³ Inspirou diversos autores da teologia protestante alemã, que publicaram um “manifesto pela reconciliação com a natureza”.¹⁴

No fisiocentrismo, a natureza é compreendida como *natura naturans*,¹⁵ que é um *a priori* ontológico e é base de todos os seres. Desta

¹¹ Irene GARAY – Bertha K. BECKER. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006, 64.

¹² Cf. K. M. MEYER-ABICH. *Wege zum Frieden mit der Natur. Praktische Naturphilosophie für die Umweltpolitik*. München-Wien, 1984; *Idem*. *Augstand für dir Natur. Von der Umwelt zur Mitwelt*, München-Wien, 1990, cit. em: K. GOLSER. *Fondazione dell’etica dell’ambiente. Medicina e Morale*, v. LV, n. 1, pp. 179-200, aqui 182, 2005.

¹³ A indicação de fisiocentrismo talvez fosse mais adequada, porque a consideração holística tem apresentações diferentes. Edgar Morin critica o reducionismo de estudos relacionados com a *physis*, inclusive no holismo (cf. *O Método 1. A natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005, 122-194). Afirma: “A teoria dos sistemas reagiu ao reducionismo, no e pelo ‘holismo’ ou ‘idéia do todo’. Mas acreditando ultrapassar o reducionismo, o ‘holismo’ de fato operou uma redução ao todo: de onde vem não apenas a sua cegueira sobre as partes enquanto partes, mas sua miopia sobre a organização enquanto organização, sua ignorância da complexidade no interior da unidade global.” (*Ibidem*, 157). Leonardo Boff segue uma visão de ecologia holística cosmo-terra-centrada, e talvez, diante das críticas de Morin, tenta superar esta crítica propondo que as relações entre as partes com o todo e do todo com as partes sejam reflexo da *pericorisi* trinitaria (cf. *Civilização Planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, 55).

¹⁴ Cf. G. ALTNER – G. LIEDKE – K. M. MEYER-ABICH – ET AL. *Manifest zur Versöhnung mit der Natur. Die Pflichten der Kirchen in der Umweltkrise*, 2. :Aufl. Neukirchen-Vluyn, 1984; W. LOCHBÜHLER. *Christliche Umweltethik*. Frankfurt: Peter Lang, 1966, 245-256, cit. em: K. GOLSER. *op. cit.*, 189.

¹⁵ *Natura naturans* e *natura naturata* foram termos utilizados por Spinoza. Mas com raízes no pensamento aristotélico, Averrois vai distinguir entre *natura naturans* como causa primeira e, *natura naturata* como primeiro causado. *Natura naturata* seria o mundo produzido e, especialmente obra relacionada com a produção. Foram termos muito utilizados pela Escolástica. A diferença foi entendida por um lado, como Deus formador de todas as coisas naturais ou como lei do conjunto destas coisas ou ser total e unitário diante do criado, e do outro lado, do criado que encontra a sua unidade em Deus. Spinoza entende por *natura naturans* a Substância infinita, o Deus sive *natura*, como princípio criador ou unidade vivificadora da *natura naturata*, daquilo que se encontra em Deus, mas enquanto conjunto dos modos da Substância. Toda *natura naturata* se acha assim, segundo Spinoza, no seio da *natura naturans*, aquilo que é em si e por si é concebido, isto é, os atributos da substância que expressam uma essência eterna e infinita, isto quer dizer, Deus enquanto

forma, os seres humanos não podem viver se não for em comunhão natural com todos os animais e as plantas. Meyer-Abich propõe introduzir na ordem jurídica a natureza como sujeito próprio de direito. Toda intervenção do homem na natureza tem necessidade de uma justificação, porque todo ser da natureza tem o mesmo direito de existência.

O fisiocentrismo possui a face de um biocentrismo radical, conforme a proposta de Albert Schweitzer (1875-1965). Segundo o mesmo, o princípio fundamental é o absoluto respeito por toda forma de vida. “Eu sou a vida que deseja viver ao lado de qualquer outra forma de vida que deseja simplesmente viver”.

Um holismo mais brando encontramos no princípio da responsabilidade, segundo Hans Jonas.¹⁶ Responsabilidade implica também na conservação de todas as espécies, falando de uma teleologia imanente da natureza.

Outra forma de reação ao antropocentrismo tradicional é a proposta do australiano, Peter Singer, o *patocentrismo*, na qual o elemento decisivo é a capacidade de sentir dor. Seu livro *Libertação Animal* (publicado originalmente em 1975) foi de uma importante influência formativa no moderno movimento de direitos dos animais. Nesta obra ele argumenta contra o “especismo”: a discriminação contra certos seres baseada apenas no fato de estes pertencerem a uma dada espécie (quase sempre não-humana). Esta indicação de Singer encontrou diversos desdobramentos, um deles situa o ser humano como mais uma dentre tantas outras espécies animais. Considera o elemento “dor” como chave para marcar prioridades. Assim, um animal que sente dor pode ser mais importante que uma pessoa que esteja em coma.¹⁷

Saindo agora do campo dos filósofos e aproximando-nos dos teólogos, podemos ter, como exemplos, dois grandes pensadores de influência no mundo atual: Leonardo Boff e Eugen Drewermann.

considerado causa livre. (J. F. MOTA. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fonte, 2001, 2044-2045). Santo Tomás de Aquino expressa Deus como natura naturans, isto é, a natureza suprema, que dá a cada um sua natureza constitutiva e o desenvolvimento desta. (cf. Marie-Joseph NICOLAS. *Vocabulário da Suma Teológica*. em: SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, v. I, 89). Sobre assunto: MERLEAU-PONTY, M. *La Nature*. Paris: Seuil, 1995.

¹⁶ HANS JONAS. *Il principio responsabilità*. Torino: Einaudi, 2002, 12-13.

¹⁷ K. GOLSER. *op. cit.*, 191-192.

É certo que Leonardo Boff emigrou da Teologia para uma área mais ética, mas seu pensamento pode ser localizado em uma área pluridisciplinar. Abraçou as questões ecológicas inserindo-as nos problemas do Grande Sul, tendo grande influência entre os ambientalistas. Segue a linha de Lynn White ao afirmar:

Vivemos numa comunidade de destino; o destino da espécie humana está associado indissolúvelmente ao destino do planeta e do cosmos. Qualquer antropocentrismo está fora do lugar. Na verdade, nós somos cosmos-e-Terra-centrados. Precisamos nos situar no conjunto do sistema da vida e não simplesmente no concerto dos povos, das raças e das nações. Somos criaturas terrenais, expressão da parte consciente do planeta Terra, que devem conviver democraticamente com outros seres e repartir com equidade os meios de vida com eles¹⁸.

Leonardo Boff situa o referencial da ecologia como um dos elementos na construção de uma nova sociedade, que seria uma democracia ecológico-social-planetária. Na sua indicação, os critérios orientadores superariam o capitalismo e o socialismo, embora certas categorias marxistas permanecessem: participação; igualdade social; diferença; solidariedade; comunhão. Acentua o elemento feminino de ternura, gratuidade, compaixão, veneração pelas coisas, atenção aos fracos, numa perspectiva de uma aliança com a natureza¹⁹.

Eugen Drewermann concorda que a visão antropocêntrica do Cristianismo favoreceu a destruição do meio-ambiente como temos atualmente. Sua indicação é o resgate das culturas primitivas com a natureza, como aquelas presentes nas Américas²⁰.

Na mão do antropocentrismo

Na solução de K. Golser, o antropocentrismo tem sua validade, já que o próprio Cristo se encarnou, mas não é um mero antropocentrismo, mas teocentrismo, no qual o Cristo é a meta de todo o criado. Concebe também que precisaria de uma melhor explicação dos textos sagrados e uma visão mais clara da teologia da criação. Deste modo, segue o pensamento de um antropocentrismo relativo e critica as posições relacionadas ao fisiocentrismo. Particularmente é de opinião que o biocentrismo radical é um caso clássico de falência naturalística, porque

¹⁸ LEONARDO BOFF. *op. cit.*, 55.

¹⁹ AA.VV. *Éticas da mundialidade*. São Paulo: Paulinas, 2000, 104.

²⁰ Cf. EUGEN DREWERMANN. *Der tödliche Fortschritt*. Regensburg: Pustet, 1981, cit. em: K. GOLSER. *op. cit.*, 182.

não é possível chegar a um metro normativo capaz de reconciliar os interesses dos diferentes seres²¹.

Apesar de Golser afirmar que não existe um metro sequer que possa ser comum sobre os interesses das diferentes espécies na sobrevivência, podemos considerar como indicação de um limite à sobrevivência das outras espécies. As espécies precisam ser respeitadas, mas não podemos colocar no mesmo patamar a importância das diferentes espécies com a vida humana. Basta considerar aqui a questão dos vírus. Exemplos sobre insetos também são muito citados, como importantes para o equilíbrio do ecossistema, mas também a perturbação ecológica pode-se dar não só pela extinção de espécies, como também pelo acréscimo descontrolado de certas espécies, colocando em questão a vida humana.

O antropocentrismo se mantém nos estudos de Haring e Peschke. Bernhard Häring, em *Livre e fiéis em Cristo*, descreve o homem como o sacerdote da criação que consagra o mundo natural ao seu Senhor e Criador. Possui um capítulo dedicado à questão ecológica. (1953-1978). Karl Peschke trabalha a ecologia dentro da virtude de reverência, diz que Deus criou o mundo no seu Espírito Santo para manifestar a sua glória.²²

Bernhard Irrgang não só segue uma visão antropocêntrica, mas coloca-se contrário a visão de Lynn White. A teologia moral clássica concentrou-se apenas nos deveres do homem em relação a Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, omitindo a responsabilidade para com o meio-ambiente, porque a questão ecológica não era colocada ainda. Neste sentido, a teologia moral atual professa um antropocentrismo parcial ou relacional.

O antropocentrismo como forma de *ethos* implica que a pessoa no seu agir moral é sempre relacionada consigo mesma, deve empenhar-se para ter posições justas, as virtudes necessárias e também as normas justas para com as quais pode ter referências. O *ethos* antropocêntrico significa também que o homem é responsável diante de Deus por si, pelos outros seres humanos e por todo o criado. Exprime o fato metaético que sempre pressupõe o homem como sujeito moral, seja para conceber a revelação (o homem capaz de ser interpelado e de dar uma resposta ao chamado de Deus), seja por fundar a ética e um agir responsável.

²¹ *Ibidem*, 190.

²² T. KENNEDY. *op. cit.*, 434.

A solicitação de abandonar a perspectiva antropocêntrica para se conseguir um maior respeito para com a natureza é inconsistente sob a ótica metaética, segundo Irrgang. A motivação que levou a degradação da natureza é também um interesse contra o próprio homem, é um raciocínio utilitarista. Sob o aspecto teológico, este raciocínio desconsidera que a terra e todos os seres têm sua própria dignidade, porque também com eles Deus instaurou uma relação com a mesma criação: “E Deus viu que era bom”.

Irrgang indica princípios que devem ser levados em conta na sociedade diante das questões ambientais, tanto em casos gerais como em particulares. O Princípio geral seria:

Qualquer intervenção sobre o mundo tem necessidade de uma legitimação, porque a terra e todas as criaturas, enquanto criaturas de Deus, gozam de um certo direito segundo o valor existencial que corresponde a cada uma delas;

O homem pode dispor das criaturas, não de maneira ilimitada, mas enquanto serve aos seus legítimos interesses e ao interesse de todos (das gerações futuras e de todo o *oikos*)

Os critérios para situações de conflitos seriam:

1. Critério da sustentabilidade: os recursos naturais só podem ser utilizados na medida que possam ser colocados também à disposição das gerações futuras;
2. O critério da fundação – a realidade que constitui o fundamento do outro é para ser protegida.
3. O critério de urgência – a situação dos pobres e das futuras gerações;
4. O critério de integração – especial atenção para decisões que envolvam a integração de um sistema maior; a ecologia deve ter proeminência sobre a economia;
5. O critério da reversibilidade – em caso de danos, aqueles que sejam reversíveis devem ter preferência.
6. O critério da reciclagem
7. O critério da regeneração – prioridades para energias renováveis;
8. O critério da parcimônia – economia da energia;
9. O critério do sofrimento – devem-se evitar sofrimentos desnecessários aos animais;
10. O critério da conservação da espécie.²³

²³ K. GOLSER. *op. cit.*, 193-198.

Na vertente de John Passmore apresentada na sua obra *Man's Responsibility for Nature*, de 1974, os humanos são responsáveis para com a natureza, porque suas ações interferem na biosfera. A espécie humana é parte da natureza, mas não responsável pela existência da biosfera. A responsabilidade orienta a moral e é uma noção não encontrada fora da espécie humana. Ele conclui que precisamos mudar nossos comportamentos para não vivermos como predadores da biosfera. Nosso sentido de alarme para com a crise ecológica orienta-nos não para abandonar a tradição ocidental, mas reexaminar a tradição para encontrar fontes morais para soluções humanas genuínas. Segundo o mesmo, é preciso sair da arrogância cristã para com a natureza e acredita que a ecologia é a moral que irá resolver as questões através das fontes da tradição ocidental.²⁴

Alternativa ao antropocentrismo

Já Jürgen Moltmann propõe uma teologia que não tenha um traço dominante do antropocentrismo, baseado na Encarnação do Cristo. A solução que vai indicar está relacionada com a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Rejeita a visão da doutrina do Concílio de Calcedônia (451, duas naturezas divinas, segunda pessoa da Trindade), quer dar espaço para a visão do Espírito Santo (pneumatológica), que foi deixada de lado na tradição cristológica. Ele considera o Espírito como a capacidade para desenvolver muito mais a complexidade presente na evolução e na ecologia. Ele percebe Deus no imanentismo ou no pan-em-teísmo (Deus na criação) como elementos teológicos e o espírito como força libertadora de Deus na criação. Passando da ênfase da Segunda Pessoa, ele elabora a teologia do Espírito e vê a criação como casa de Deus. Sua preferida afirmação é a transformação da criação, onde Deus será tudo em todos. Moltmann tem suas raízes em Yves Congar, no seu trabalho sobre a Palavra e o Espírito.²⁵

Pannenberg continua a intuição, afirmando que o Espírito não atua somente na redenção do Cristo, mas também na criação, no que diz respeito a sua animação e força de movimento.²⁶

²⁴ T. KENNEDY. *op. cit.*, 428-429.

²⁵ *Ibidem*, 435-436.

²⁶ *Ibidem*.

Conclusão

O nosso objetivo não é tanto de dar solução para as controvérsias, mas fazer emergir a tensão existente e colocar-nos diante da busca de soluções mais adequadas ao problema do antropocentrismo e da Teologia. Com certeza a Teologia tem muito a nos dizer sobre a relação da pessoa humana com o conjunto do mundo criado.

Voltando ao problema dos gorilas, consideramos que só será resolvido quando forem solucionados os problemas em volta. Aqui precisamos tanto pensar o problema dos gorilas, como dos seres humanos. Talvez a situação dos gorilas, o problema ambiental, seja um termômetro da gravidade do problema humano em volta.

As propostas de valorização da Pneumatologia ajudam a fazer emergir novas possibilidades que não eram apresentadas na visão de valorização do antropocentrismo, por causa da Encarnação. A Cristologia e a Pneumatologia devem ser levadas em consideração para uma relação sadia com o meio-ambiente.

A figura de São Francisco fica realmente como um referencial diante do problema, a atitude de humildade e respeito para com a natureza e de considerar os outros seres animados e inanimados como nossos irmãos e irmãs de caminhada, que precisam não só da nossa veneração, mas de nosso cuidado e atenção.

Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BRAMWELL, Anna. *Ecology in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- DREWERMANN, Eugen. *Der tödliche Fortschritt*. Regensburg: Pustet, 1981.
- GARAY, Irene – BECKER, Bertha K. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GOLSER, K. *Fondazione dell'etica dell'ambiente*. *Medicina e Morale*, Roma, anno LV, n.1, p. 179-200, Gennaio/Febrario 2005.
- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Incter Sanctos*, AAS, v. 71, pp. 1509-1510, 1979.
- KRABBE, Wolfgang R. *Gesellschaftsveränderung durch Lebensreform*. Göttingen: Verden Hoeck Ruprecht, 1974.
- LYNN, White Jr. *The historical roots of our ecological crisis*. Em: *Science*, v. 3767, n. 155, pp. 1203-1207, 1967.
- PASSMORE, John. *Man's Responsibility for Nature*. London: Duckworth, 1974.
- KENNEDY, Terence. "Veni, Creator Spiritus": *the conservation of the created cosmos*. *Studia Moralia*, Roma, v. XXXVI, n. 2, pp. 421-439, 1998.

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,
Professor do ITEP.